

## **ACORDA RAIMUNDO: A METÁFORA SUBJETIVA DE POTENCIALIZAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Eliana Costa Xavier (Maria Mulher)

Este ensaio apresenta a oficina de autoestima, experiência desenvolvida por psicólogas da ONG Maria Mulher numa comunidade vulnerável. Exercício que visa o fortalecimento e empoderamento de mulheres em situação de violência doméstica, aonde mulher negra é figura majoritária.

A organização de mulheres negras tem como missão defender os direitos humanos e combater às discriminações sexista, étnico/racial e social. Desde 1987 tem desenvolvido um trabalho na Região da Cruzeiro em Porto Alegre/RS buscando atender especialmente mulheres vitimizadas pela violência doméstica.

A comunidade tem perfil definido: espaço onde perpetua a naturalização da violação dos direitos de uma população de baixíssima renda que fertiliza estatísticas de exclusão social da cidade.

É um lugar onde a gravidade do quadro de pobreza e miséria se torna explícita na representação das famílias chefiadas por mulheres preponderantemente negras, sobrevivendo de benefícios sociais ou trabalhos informais esporádicos, residindo em moradias precárias.

Neste cenário de vulnerabilidade social a violência doméstica se transversalizada a negritude, expõe as mulheres a situações que influenciam na subjetividade comprometendo a auto estima. A baixa auto-estima é fator primordial desencadeado pelas situações de exclusão, abandono e privação e de ameaça vivenciadas nas relações, com conseqüências negativas na qualidade de vida.

Toda oficina está direcionada a proporcionar às mulheres momentos reflexivos de reconhecimento das potencialidades. Interface onde cada mulher busque uma valorização positiva das experiências, onde possam re-conhecer sua própria identidade e poder pessoal. Igualmente o espaço visa promover autonomia das mulheres e acolher e integrá-las à organização. Nos encontros são desenvolvidas vivências que propõe uma reflexão sobre gênero, raça e etnia, violência doméstica e saúde, além de compartilhar e revisitar conceitos.

O planejamento das atividades preconiza que as mulheres participem de no mínimo 4 momentos, cuja metodologia utiliza vários recursos. Algumas técnicas de dinâmica de grupo, psicodrama, corporais como dança e alongamento. Envolvem também filmes e documentários.

Há de se considerar que entendemos subjetividade como um conceito que permite a compreensão da dinâmica e da organização social a partir da fricção entre individual e coletivo. Faz parte da rede relacional, da trama social em que todos os indivíduos estão inseridos. Reside aí, o sentido da oficina de auto estima.

O processo vivido pelas mulheres foi ilustrado pelos espelhos plano, côncavo e convexo, artifício utilizado em todo processo.

O espelho plano que apresenta uma imagem do objeto refletido exatamente da forma que ele é, atravessa a imagem real da mulher, sem nuances, representa o instante primeiro em que as mulheres buscam nesta imagem o auto conhecimento de suas características e potencialidades. Isso lhes oportuniza a observação de suas qualidades, sejam elas de qualquer natureza, para a mulher negra é um espaço de desmistificação da cultura do branco e do belo, dialogando sobre as etnias que constituem a mulher brasileira e dos grupos subjugados no processo da Diáspora africana.

O côncavo reflete a imagem menor que a original, representa a auto imagem percebida a partir da construção de gênero, espaço social onde as mulheres apreendem processos culturais dentro de uma sociedade de poder centrado no masculino. Propõe entender a construção de ser mulher, a compreensão da formação subjetiva do feminino, do papel de gênero no mundo na construção das relações sociais.

No convexo a imagem aparece maior que o tamanho real e sinaliza a edificação da violência doméstica que a aniquila como algo maior que a própria mulher. Resulta da dominação masculina que produz e reproduz, via ideologia, uma relação que transmuta diferença para desigualdade. A violência doméstica configura um fenômeno de múltiplas determinações especialmente para a mulher negra na sua relação com a sociedade, enquanto objeto de uma representação sexual exacerbada.

São momentos que revelam a potência e possibilidades futuras. Todas as intervenções atuam no campo simbólico envolvendo o fortalecimento pessoal, contribuindo, portanto, para a inserção social das mulheres do grupo. É importante assinalar que filmes e documentários são utilizados em momentos estratégicos, especialmente nos instantes de reflexão sobre a construção cultural da subjetividade da mulher negra, nos papéis de gênero e violência doméstica.

As mulheres verbalizam que assistir a violência contra mulher negra “do outro lado” viabiliza ver o outro no papel que desempenha no seu dia a dia e isso retira em grande parte a culpa sentida nessas situações.

Outrossim, percebemos que, no que tange a formação de gênero da mulher negra e a violência doméstica, estes recursos descolam a característica/foco do sujeito e isto possibilita às mulheres organizar uma postura crítica das relações entre homens e mulheres. Essas intervenções operam no campo simbólico e afetivo-emocional da expressividade e da interpretação dialógica, com vistas ao fortalecimento pessoal, significa oportunizar o desenvolvimento de condições subjetivas também para a inserção social.

O filme *Acorda Raimundo* traz um mundo sob a troca de papéis. No contexto, mulheres não somente aparecem desenvolvendo tarefas essencialmente masculinas, elas expressam sentimentos, respostas culturais, pensando e se comportando como homens, aos quais coube viver o feminino.

Fruto da experiência surgiu um importante espaço de fortalecimento das mulheres: Troca de Saberes, oficina onde as participantes são protagonistas. Cada uma traz seu saber e o divide com as demais, ainda responde à necessidade de um espaço de geração de trabalho e renda.

O projeto evidencia a potencialização dessas mulheres, quando revelam sentirem-se fortalecidas para romper com o ciclo da violência doméstica e fazerem-se soberanas frente às intempéries.

Se conhecendo melhor, conscientes de serem sujeito de um saber a ser dividido com outras mulheres fortalece o grupo.

Aparecem fortalecidas visto que conseguem reconhecer o seu saber enquanto algo que pode ser compartilhado e como algo que até pode contribuir para sua emancipação.

Esta experiência ratifica a importância do aproveitamento mais eficiente de todos os recursos com que conta cada grupo para mobilizar sua própria atividade na procura de melhores condições de vida, tanto no campo material como no cultural, no social e no psicológico.

Novamente, acorda Raimundo, a metáfora subjetiva de potencialização das mulheres, sejam brancas ou negras, é uma proposta completa que tira a auto estima da perspectiva de auto ajuda e coloca a temática numa perspectiva de desenvolvimento subjetivo.